

PITATO& BENJAMIM, Ltd

Em final da década de cinquenta era habitual ficarmos por ali, junto ao café TAMAR, (actual Luso) a conversar até altas horas da noite. Saber quem levava a chave, era saber quem eram os últimos a recolher a *penates*.

Entre os contadores de *estórias*, no início da noite, tinha lugar privilegiado, o «**Benjamim Pardal**», que era a delícia de todos nós, tantas eram as patranhas recriadas, inventadas, ou concretizadas, por esta figura que juntamente com «**O Pitato**», constituíram um dos mais famosos e mais conhecido, duo de manipuladores de *simpras*, crédulos, que embuchavam qual bacalhau esfomeado por sandilho, toda a trapalhice com que aqueles estimáveis «malandrecos» os engodavam.

Eram duas boas pessoas, apesar do muito que se badalava.

O feitio de brincalhão, impenitente e compulsivo, fez com que **Benjamim**, oficial náutico, nunca tivesse ido além de Piloto. Porque mesmo no desempenho desta responsável tarefa, e em ambiente tenso da dureza da pesca, não deixava de exercitar os seis dotes de *enloilador* – mor.

A ponto de numa viagem ao bacalhau ter convencido a tripulação que a má pescaria, até ali feita, advinha do facto do *Sr. Capitão estar possuído por alma penada*, sendo necessário para virar a sorte, «**picá-lo**», para assim *o libertar do Lúcifer, que dele tinha tomado conta*. E o certo é que a dada altura a tripulação a tripulação *embuchou o isco e anzol*, e fez praça à porta do camarote do capitão, de navalha na mão, dispostos ,caridosamente, a *libertá-lo* do malzinho. Não fora a intervenção de um nosso patrício (Sr. Parada) e o Capitão -feito lobisomem - ver-se-ia em apuros para evitar a *picadela* – a sangria- mais que certa...

«**O Manuel Pitato**» – o mais ferrenho belenenses de Ílhavo, depois *de mim!!*, emblema de ouro e brilhantes do Clube de Belém-, era o fiscal do Mercado Municipal. Juntamente com o «**Manuel das Senhas**» zelava pela recolha das taxas que as, *tiGalante, tiPata e a ti Tuna*, e outras, tinham de pagar para exercer a venda dos produtos, na praça. O «**Manuel Pitato**» seria, aliás, a figura central de uma monumental polémica da politica local, ocorrida ao tempo da Câmara de Dinis Gomes, que se dizia ser seu *Padrinho*. Da auditoria ao modo como vinha desempenhando as suas funções, resultaria ter sido *castigado(!)* com a ida para a Costa-Nova, para aí exercer as mesmas funções de zelador, no novo mercado local. Diga-se que foi castigo(!) que apreciou em particular, pois logo a dupla **Pitato&Benjamim** trocou a «**Gruta**» pelo «**Coração da Praia**» ,para, no salão deste último, disputar renhidas «suecadas», houvesse – e até havia! - quem se atrevesse a aceitar o desafio da temível parelha.



O BENJAMIM PARDAL

Os Pitato & Benjamim tinham jogo perfeitamente combinado.

(...)

-*Atão compadre, como estavam os tomates do tiPio?* ...perguntava com naturalidade o Benjamim

-*A cinco a dúzia* -respondia o Pitato, a dar o sinal de que tinha *cinco trunfos*.

-*Mas então ontem não estavam a sete?.. compadre...* ia dizendo o Benjamim enquanto encartava o jogo, querendo com o relambório perguntar se o colega tinha o **sete** (a *manilha*).

- *Pois era ...mas era ontem* – retorquia o Pitato, querendo dar o sinal que não senhor, não a tinha.

Sempre que a *xita* (o fazer *a totalidade das vasas*) era evidente, «**Pitato & Benjamim**» levantavam-se, cumprimentavam -se reverencialmente, e iam cantando:

-*Dictum et factum, depenato est,*

-*Dominum Vos bispo....*

-*Domi suae est rex*

-*Et spiritò... Oremos...*

-*Amem!...Amém* – e batiam a ultima mão na mesa, perante os adversários que, apalermados e fragilizados com tal retórica, por vezes desistiam, ali, na hora.

Os *mapas* onde iam apontando – e traçando quatro a quatro (*como os almudes*) – *as mãos*, eram de regalar a vista; quando sucedia a *xita*, e conforme esta se tinha desenrolado, *havia direito a pintar o diabito de cavanhaque e, até, de cavanhaque e rabo*. Eram verdadeiras pinturas naifs de que alguns guardavam amostra, e outros tentavam, sem êxito, imitar.

(...)

Ora um dia o Cap. Zé Negócio abordou-me para me dizer que o Benjamim tinha convencido um «*vagueiro*», *que andava por aí à solta um lobisome*; só que –teria dito o Benjamim- não havia *picadores* em Ílhavo com «os *ditos*», suficientes, para *libertar o desgraçado da alma penada que o mortificava*. Logo o rústico, ao ouvir o queixume do Benjamim que punha, entretanto, uma cara de compaixão pela inditosa desgraça do olarapo, ao tempo que levava o tabaqueiro aos olhos parecendo assim, limpar uma lágrima vertida, se alteava e, alorpadado, ia dizendo chançudo:

-O que é lá isso; pois saibam V. senhorias :- se querem um picador ele aqui está à vossa frente. É só dizer o sítio onde se mostra a alma penada.

(....)

E logo se combinou uma tramóia; um pipo velho que enchi de água, um frasco de mercuro-cromo retirado do stock da farmácia, uma corda longa fornecida pelo Capitão Zé, e, à meia-noite, lá fomos para a estrada das **Oliveiras**. Pusemos o pipo no chão ligado ao carro pela corda, e uma parte do grupo foi esperar o *picador*. O pobre homem lá apareceu, montado na bicicleta, munido de três grandes varas terminadas por espiche. Mostrado o *lobisome* – o *pipo!* - o rústico empunha a vara lançando-se como doido... *e zás ... espeta o barril*. Eu arranco com o carro. O pipo aos baldões, salta, rebola, pincha e escangalha-se no paralelepípedo, desfazendo-se em *sangue* (água e mercurocromo).

Até ali o espectáculo não poderia ser mais fantástico. Inenarrável.

Só que, de repente, o lôfo vagueiro cai redondo a espumar pela boca, apoplético, parecendo atacado por alma penada. Um escarcéu dos diabos. Rodeámos o homenzinho, e vá de saber o que se devia fazer. Galheta para aqui, abanões para ali e, valendo-nos, um farsante que se lembra, felizmente! – do Sr. Mário Lau – que tinha uma tasca ali ao lado. Lá se bateu à porta do dito, e, com um gole de cachaça enfiado pelos gorgomilhos abaixo, o «vagueiro», veio finalmente a si. E de olhos esbugalhados, num esgar patético logo gritou: *-piquei-o...piquei-o ...era o bruxo da Pedricosa. Eu sabia!..eu sabia!* – gritava com o estupor estampado na cara.

Lá recompusemos o sacripanta, e, enfiada a bicicleta no **AL** (matricula do Ford) lá o fui levar a casa.

(...)

Claro que depois a história durou até de manhã. A garrafeira de meu pai estava lá para nos preencher as noites. E o canário, que na sala de jantar *chilreava* assim que se acendia a luz, sossegava -o:

- Dorme Eduarda que eles já estão cá dentro, quietando, assim, a minha Mãe.

(...)

Mas voltando ao **Pitato & Benjamim**.



«O Manuel Pitato»

Um dia de Outubro, no «Coração da Praia», a dupla defrontava uns *maçaricos* que cedo mostravam não estar à altura de se bater com tão sábios *suequeiros*. Em volta da mesa iam-se achegando uns matolas que por aquela altura vinham a banhos, aproveitando para apreciar o desenrolar do *match* (*ainda não havia écrans panorâmicos*). Um deles, um bisnagau com cara de finório, foi logo notado pelo Benjamim. Que não perdeu a oportunidade:

-Pois atão (!) que me diz, compadre, daquela baleia que ali deu à costa – atirou em ar natural, para o Pitato

-Homessa! compadre Benjamim, nunca visto, nunca visto. Coisa de Satanás, compadre (dizia benzendo-se, o Pitato). Quinze metros e mais de dez toneladas. Vem aí a tropa com uma cábreia para levar o monstro.

Isco lançado, logo o «matola» quis saber:

-Eh amigos então contem lá, raios!... Não deixem uma pessoa ficar em pulgas.

-Oh camarada, «aquilo» nunca visto E logo o Benjamim desatava numa lenga – lenga, uma série de trampolinices que acabaram com o escanifrado a dizer:

-Vou buscar a minha Maria e vou lá ver, raios. Nunca vi uma baleia no raio da vida

E lá partiu.

Para o fim da tarde alguém veio avisar o Benjamim que vinha lá (!) o matola, parecendo que trazia *cara de poucos amigos*. O Benjamim que armava as trapalhadas mas logo se escapulia se as coisas dessem para o torto, dá por se pôr ao fresco, saindo pelas traseiras do Salão Arrais Ançã. O «Pitato», esse, coitado, dada a sua deficiência, não podia ser tão lesto. Mas afoito, acariciou a muleta, preparando-se para tudo. Chegando o bizarrão, este diz:

-Olhe lá ó camarada: o seu parceiro? – pergunta de um jacto, ao tiManel.

- Olhe como era tarde, já se foi para a missinha. Ele é sacrista, sabe. Mas bom homem, deixe lá a brincadeira; ele gosta de ser brincalhão.

-Ora.ora...não é nada do que está a julgar. Eu vinha, era, agradecer. Está bem que não vimos nenhuma baleia. Mas eu e a minha Maria aproveitámos a maré, e olhe: - demos a melhor «cambalhota» da nossa vida. E eu vinha agradecer ao seu amigo, por mim e por ela, e até queríamos convidá-lo para ele ir lá casa provar da nossa pomada.

Até ao fim desse mês ,fim da época dos matolas ,o Benjamim nunca mais apareceu na Costa-Nova. O «**Pitato**» até pensava que o raio andava mau da tripa, com a jantarada que os bairradinos teriam oferecido ao Benjamim.

·
Mas passados uns dias apareceu ao «**Pitato**» ,o bisnagua, inquirindo:

-Oh camarada : - você sabe onde pára o Sr. Cap. Benjamim? È que ele prometeu levar-nos a voar no avião do «seu amigo» Zé Cadengo, e nunca mais apareceu...

Escusado será dizer que o Benjamim desapareceu da Costa-Nova. Dizia, na «Gruta» a quem o queria ouvir, que os ares do mar, nesse ano, *estavam muito fortes, perigosos para a sua frágil saúde.*

Era assim a dupla **Pitato& Benjamim**. Estaria aqui até amanhã a contar estórias, petas e tretas, saídos da imaginação delirante desta parelha de *verdugueiros*.

SF

Junho 2008